

**Fundamentos e princípios  
do marxismo-leninismo-trotskismo**

**Sobre o direito  
à autodeterminação  
das nações**

*Coletânea de Textos*

**Lênin e Trotsky**



**POR**  
PARTIDO OPERÁRIO  
REVOLUCIONÁRIO



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

**MASSAS**

# Índice

<b>Apresentação .....</b>	<b>3</b>
<b>Lênin .....</b>	<b>7</b>
Os Kadetes e o problema da Ucrânia.....	7
Como o bispo Nikon defende os ucranianos?.....	9
Socialismo e a Guerra .....	11
Ucrânia .....	12
Ucrânia e a derrota dos partidos governantes da Rússia .....	14
Manifesto ao povo da Ucrânia, com um ultimato à Rada da Ucrânia .....	17
Resolução do CC do PC(b)R sobre o poder soviético na Ucrânia .....	19
Carta aos operários e camponeses da Ucrânia em função das vitórias sobre Denikin .....	23
<b>Trotsky.....</b>	<b>31</b>
A Questão Nacional .....	31
A Questão Ucraniana.....	37
Stalin, administrador interino da Ucrânia.....	45



# Apresentação

Este folheto faz parte da campanha do Comitê Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI), da qual o POR é uma de suas seções. Diante de uma guerra, principalmente envolvendo duas potências militares, evidencia-se o internacionalismo proletário, contraposto ao imperialismo e as tendências nacionalistas burguesas e pequeno-burguesas. A questão da autodeterminação da Ucrânia, no momento, concentra o fundamental das formulações do marxismo-leninismo-trotskismo.

Está claro que se trata de uma questão mais ampla, que emergiu plenamente com a desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), concluída em 1991. Na base da degeneração estalinista da URSS, estiveram presentes as relações conflituosas entre a República Soviética Russa e as demais Repúblicas, em particular, as da Geórgia e Ucrânia.

Neste folheto, publicamos três documentos de Trotsky – um de 1927, e dois de 1939, sobre a necessidade de os marxista-leninistas combaterem a existência da opressão nacional nos marcos da URSS. Nota-se o completo alinhamento da Oposição de Esquerda e da IV Internacional com as formulações de Lênin e com as práticas do bolchevismo. Os demais escritos são de Lênin.

Seguimos a ordem cronológica, começando pelos breves textos de Lênin “Os Kadetes e o problema da Ucrânia” e “Como o bispo Nikon defende os ucranianos”, ambos de 1913, portanto, redigidos quatro anos antes da Revolução de Outubro. Consideramos de excepcional importância histórica o documento “Carta aos operários e camponeses da Ucrânia em função das vitórias sobre Denikin”, de dezembro de 1919.

O fundamento da autodeterminação e do direito democrático da nação oprimida de se separar desde sempre integrou o programa da revolução proletária e do internacionalismo. Ocupou um fundamental lugar na luta revolucionária, tanto contra a reação interna, quanto contra a intervenção do imperialismo na Ucrânia. A unidade operária-camponesa venceu o combate, e permitiu a libertação da Ucrânia e a sua livre decisão de compor a nascente URSS.

Na presente guerra, a Ucrânia ocupa o epicentro do confronto do imperialismo com a Rússia. É clara a contradição que desencadeou a invasão militar do país. Sem a real independência, a Ucrânia se tornou instrumento dos Estados Unidos, da aliança europeia e da OTAN, para avançar o cerco econômico e militar à Rússia. E, conseqüentemente, motivo para a Rússia desfechar a guerra, pisoteando o direito à sua autodeterminação. O povo ucraniano, que não pode ser confundido com a oligarquia burguesa, que auxiliou as forças de destruição da URSS, é vítima tanto da opressão norte-americana-europeia, quanto da russa. Qualquer que seja o desfecho da guerra, continuará vigente a principal tarefa do povo ucraniano, em particular do proletariado, de manter a luta pela autodeterminação e integralidade territorial do país.

Esse fundamento programático tem guiado a campanha internacionalista do CERQUI, concentrada nas bandeiras: desmantelamento da OTAN e das bases militares dos Estados Unidos, revogação das sanções econômicas à Rússia; autodeterminação, integralidade territorial e retirada das tropas russas da Ucrânia.

*Partido Operário Revolucionário*

Lutar por essas bandeiras, de conjunto, significa lutar pela unidade internacionalista do proletariado e dos demais explorados. Somente por meio da luta de classes e da organização independente dos explorados, é possível transformar essa guerra de dominação em guerra de libertação da Ucrânia, bem como de todas as nações oprimidas; e em guerra de emancipação dos explorados do capitalismo putrefato e de retomada das conquistas socialistas da Revolução de 1917, entre elas, a fundação da URSS.

*7 de abril de 2022*

*Atílio de Castro*



# Lênin

## Os Kadetes e o problema da Ucrânia

*Lênin, julho de 1913*

Há muito tempo, a imprensa e a tribuna da Duma (por exemplo, no discurso do social democrata Petrovski) referem-se à completa indecência, o caráter reacionário e a insolência das manifestações de certos influentes kadetes (com o sr. Struve à frente), em torno ao problema ucraniano.

Alguns dias atrás, encontramos no Riech, órgão oficial do partido kadete, um artigo do sr. Mijaíl Moguilianski, colaborador regular do jornal, que não se pode passar por alto. O artigo é uma verdadeira fustigação chauvinista contra os ucranianos, por seu “separatismo”. “arriscado aventureirismo”, “delírio político”, “aventura política”, são algumas das expressões que abundam no artigo do sr. Mijaíl Moguilianski, partidário imaculado de Nóvoie Vremia, que se oculta sob o manto da “democracia”! Não obstante, o partido “democrata” constitucionalista cobiça descaradamente este artigo, publica-o com simpatia e, com seu silêncio, aprova esse descarado chauvinismo.

O próprio sr. Mijaíl Moguilianski assinala que o Congresso de Estudantes de toda Ucrânia, realizado em Lvov, alguns



social democratas ucranianos, emigrados ucranianos da Rússia, falaram também contra a consigna de independência política da Ucrânia, falaram contra o social democrata Dontsov, que propôs a resolução sobre “uma Ucrânia independente”, aprovada no Congresso pela maioria dos presentes, com dois votos contra.

Assim, se deduz que nem todos os social-democratas coincidiram com Dontsov. Mas os social-democratas que polemizaram com ele esgrimiram argumentos próprios, discutiram na mesma tribuna, e procuraram convencer o mesmo auditório.

O sr. Mijaíl Moguilianski perdeu todo o sentido da elementar decência política, quando lançou contra Dontsov e contra o Congresso de Estudantes ucranianos sua grosseira investida, tomada do léxico dos centurionegrístas, sabendo perfeitamente que, a seus adversários, lhes era impossível refutar as opiniões do Riech, que lhes era impossível falar diante de um auditório russo, da mesma tribuna e com igual energia, clareza e liberdade.

Nossos kadetes são democratas de fachada. E também são aqueles que toleram, sem um irado protesto, semelhantes impertinências dos kadetes. Os marxistas não se deixarão levar jamais por consignas nacionalistas, sejam grã-russas, polacas, judias, ucranianas e outras. Os marxistas não se esquecem tampouco o dever elementar que tem qualquer democrata, de combater qualquer perseguição a qualquer nação por seu “separatismo”, o dever de lutar pelo reconhecimento da igualdade plena incondicional das nações, e de seu direito à autodeterminação.

Podem defender opiniões diferentes acerca do que deve ser essa autodeterminação em cada caso concreto, do ponto de vista do proletariado. Pode e deve discutir-se com social-nacionalistas, como Dontsov, mas a nefasta perseguição ao “separatismo”, a perseguição a pessoas que não podem defender-se, é o cúmulo da sem-vergonhice da parte dos kadetes.

*(Extraído das Obras Completas,  
Lênin, tomo XX, Akal Editor)*

## Como o bispo Nikon defende os ucranianos?

*Lênin, 13 de setembro de 1913*

Klevskaia Misl noticia que o bispo Nikon, direitista, deputado da Duma do Estado, foi o primeiro a assinar o projeto de lei, apresentado na Duma, sobre a escola e as associações ucranianas.

O projeto de lei diz: “autoriza-se o ensino em idioma ucraniano nas escolas primárias, designar-se-á professores ucranianos; implantar-se-á o ensino do idioma ucraniano e da história da Ucrânia; não se perseguirão as associações ucranianas, nem se as fecharão à vontade das autoridades, que com frequência cometem uma descarada arbitrariedade”.

Assim, pois, o bispo Nikon, membro do partido de Puriškiévich não gosta, em certos casos, da arbitrariedade.

O bispo Nikon tem toda a razão em supor que o problema que coloca é “de extraordinária importância, e que afeta gravemente os 37 milhões de ucranianos”, ao dizer que a rica, bela, talentosa, florescente e poética Ucrânia está condenada à degeneração, ao embotamento paulatino e à lenta extinção”.

O protesto contra a opressão dos ucranianos pelos grãos-russos é perfeitamente legítimo. Mas vemos com que argumentos o bispo Nikon defende as reivindicações ucranianas:

“O povo ucraniano não procura essa decantada autonomia, a restauração de Siech Zaporózhkaia (nota do editor – organização cossaca dos séculos XI e XVIII) ou algo do estilo; os ucranianos não são separatistas (...). Os ucranianos não são gente de origem estrangeira; são dos nossos, irmãos de sangue, e como tais não devem sofrer nenhuma limitação a respeito de seu idioma e do desenvolvimento de sua cultura nacional. De outro modo, nós equiparamos a nossos irmãos com eles, os judeus, polacos, georgianos e outros que são realmente de origem estrangeira”.

Assim, tudo se reduz a isso: o bispo ucraniano Nikon e outros que pensam como ele pedem aos latifundiários grãos-russos que concedam privilégios aos ucranianos, baseando-se em que eles são seus irmãos, enquanto os judeus são gente de

origem estrangeira! Ou seja, falando simples e francamente: porque os judeus e outros são de origem estrangeira, estamos de acordo em oprimi-los, se vocês nos fazem concessões.

É o conhecido quadro de defesa da “cultura nacional” por todos os nacionalistas burgueses, dos centurionegrístas aos liberais, e ainda, aos nacionalistas democratas burgueses!

O bispo Nikon se nega a compreender que não se pode proteger da opressão os ucranianos, se não se protege de toda a opressão, sem exceção, os demais povos, se não se apaga por completo da vida do Estado o conceito de “gente de origem estrangeira”, e se não se apoia na plena igualdade de direitos de todas as nacionalidades. Não se pode proteger ninguém da opressão nacional, se não se põe em prática, de maneira consequente, a mais ampla autonomia local e regional, e o princípio de que todos os assuntos do Estado devem solucionar-se de acordo com a vontade da maioria da população (isto é, o princípio da democracia consequente).

Para o bispo Nikon, a consigna de “cultura nacional” para os ucranianos não significa outra coisa que a difusão das ideias dos centurionegrístas em idioma ucraniano; é a consigna da cultura ucraniana clerical.

Os operários politicamente conscientes compreenderam que a consigna de “cultura nacional” é um engano clerical ou burguês, tanto se se refere à cultura grã-russa, como à ucraniana, judia, polaca, georgiana, ou qualquer outra. Faz 125 anos, quando a nação não se havia dividido ainda em burguesia e proletariado, a consigna da cultura nacional podia ser um chamamento unitário e integral à luta contra o feudalismo e o clericalismo. Mas, desde então, a luta de classes entre a burguesia e o proletariado teve impulso em todas as partes. A divisão da nação “unida” em exploradores e explorados se converteu em um fato consumado.

Da cultura nacional em geral somente podem falar os clericais e a burguesia. Os trabalhadores somente podem falar da cultura internacional do movimento operário mundial. Essa é a única cultura que implica a plena, efetiva e sincera igualdade das nações, a inexistência da opressão nacional

e o exercício da democracia. Somente a unidade e a fusão dos operários de todas as nações, em todas as organizações operárias, na luta contra o capital, conduzirá à “solução do problema nacional”.

*(Extraído das Obras Completas,  
Lênin, tomo XX, Akal Editor)*

## **Socialismo e a Guerra**

*Lênin, julho-agosto de 1915*

### **2) Direito das nações à autodeterminação.**

“(…)

“Os socialistas não podem alcançar o seu grande objetivo, sem lutar contra toda a opressão das nações. Por isso, devem exigir obrigatoriamente que os partidos social-democratas dos países opressores (particularmente os das chamadas ‘grandes’ potências) reconheçam e defendam o direito das nações oprimidas à autodeterminação, e precisamente no sentido político da palavra, isto é, o direito à separação política. Um socialista de uma grande potência ou de uma nação detentora de colônias que não defenda esse direito é um chauvinista.

A defesa desse direito, longe de estimular a criação de pequenos Estados, leva, pelo contrário, à formação mais livre, mais ousada e, portanto, mais ampla e extensa de grandes Estados e de federações de Estados, mais vantajosas para as massas e em consonância com o desenvolvimento econômico.

Os socialistas das nações oprimidas, por sua vez, devem lutar, incondicionalmente, pela plena unidade (incluindo a unidade orgânica) dos operários das nacionalidades oprimidas e das nações opressoras. A ideia da separação jurídica de uma nação de outra (a chamada ‘autonomia nacional cultural’, preconizada por Bauer e Renner) é uma concepção reacionária.

O imperialismo é a época de crescente opressão das nações de todo o mundo por um punhado de ‘grandes’ potências, em virtude do qual a luta pela revolução socialista internacional

contra o imperialismo é impossível, se não se reconhece o direito das nações à autodeterminação. `Um povo que oprime outros povos não pode ser livre´ (Marx e Engels). Um proletariado que aceite a menor violência de `sua´ nação sobre outras nações não pode ser socialista”.

## Ucrânia

*Lênin, 15 de junho de 1917*

O fracasso da política do novo governo provisório, de coalizão, se destaca cada vez mais claramente. A `Ata Universal`, relativa à organização da Ucrânia, publicada pela

Rada Central da Ucrânia, aprovada em 11 de junho de 1917, pelo congresso do exército de toda a Ucrânia, é uma revelação direta dessa política, e uma prova documental de seu fracasso.

Sem separar-se da Rússia, sem desprender-se do Estado russo – se diz na referida Ata – o povo ucraniano deve ter direito a dispor de sua própria vida em sua própria terra... Todas as leis pelas quais se determine a ordem na Ucrânia, somente poderão ser promulgadas por essa Assembleia ucraniana. Por sua vez, as leis que determinam a ordem de todo o Estado russo, deverão ser promulgadas pelo Parlamento de toda a Rússia.

São palavras perfeitamente claras. Nelas se declara, com toda precisão, que o povo ucraniano não quer separar-se da Rússia no momento atual. Exige a autonomia, sem negar a necessidade da autoridade suprema de um `Parlamento de toda a Rússia´. Nenhum democrata, e muito menos um socialista, se atreverá a negar o direito da Ucrânia de separar-se livremente da Rússia. Somente o reconhecimento absoluto deste direito nos permite defender a livre união entre os ucranianos e os grão-russos, pela associação voluntária dos dois povos em um só Estado. Somente o reconhecimento absoluto desse direito pode romper, na prática, completa e irrevogavelmente, com o maldito passado czarista, em que se fez de tudo para causar o distanciamento mútuo dos dois povos tão afins

pelo seu idioma, seu território, seu caráter e sua história. O maldito czarismo transformou os grão-russos em verdugos do povo ucraniano, e fomentou este o ódio contra os que chegaram até a proibir as crianças ucranianas de falar e estudar em sua língua materna.

Os democratas revolucionários da Rússia, se querem ser verdadeiramente revolucionários e verdadeiramente democratas, devem romper com esse passado, devem reconquistar para si mesmos, para os operários e camponeses da Rússia, a confiança fraternal dos operários e camponeses ucranianos. E isso não pode se conseguir sem o pleno reconhecimento dos direitos da Ucrânia, inclusive o direito da livre separação.

Nós não somos partidários dos Estados pequenos. Estamos pela mais estreita união dos operários do mundo contra os "próprios" capitalistas e dos demais países. Mas precisamente para que a união seja voluntária, o operário russo, que não confia por um minuto na burguesia russa ou na burguesia ucraniana, defende hoje o direito dos ucranianos à separação, sem impor-lhes sua amizade, sem esforçar-se por conquistar sua amizade ao trata-los como iguais, seus aliados e irmãos na luta pelo socialismo.

\*\*\*

Riech, o jornal dos enfurecidos contrarrevolucionários burgueses, que estão quase loucos de raiva, ataca selvagemmente os ucranianos por sua "arbitrária" resolução. Diz que "a conduta dos ucranianos é um atentado direto contra a lei, que exige a aplicação imediata de rigorosos e legítimos castigos". Voltar todo comentário contra esse ataque dos selvagens contrarrevolucionários burgueses. Abaixo a burguesia contrarrevolucionária! Viva a livre união dos camponeses e operários livres da livre Ucrânia com os operários e camponeses da Rússia revolucionária!

*(Extraído das Obras Completas,  
Lênin, tomo XXVI, Akal Editor)*

## Ucrânia e a derrota dos partidos governantes da Rússia

*Lênin, 17 de junho de 1917*

Os partidos governantes da Rússia, isto é, os Kadetes, que possuem a maioria no governo e o poder total do capital na economia, e os Socialistas Revolucionários (eceristas) e Mencheviques, que possuem atualmente a maioria indiscutível no país (mas que são impotentes dentro do governo e na economia capitalista do país), todos eles sofreram uma derrota evidente na questão ucraniana, mais ainda uma derrota em escala nacional em um importantíssimo problema.

Os eseristas e os mencheviques toleraram que o governo provisório dos Kadetes, isto é, da burguesia contrarrevolucionária, não cumprisse o seu dever democrático elementar, não declarando que está pela autonomia da Ucrânia e seu direito de se separar livremente. Os ucranianos, segundo informa hoje o ministro Chernov no Dielo Naroda, exigiram muitíssimo menos. Somente queriam *‘que o governo provisório proclamasse em um documento especial que não se opõe ao direito do povo ucraniano à autonomia’*. Uma exigência que não pode ser mais modesta, nem mais legítima. Igualmente modesta são as outras duas exigências: 1) A Ucrânia elegerá, por meio de seu povo, um representante diante do governo central da Rússia. Mostra a modéstia dessa exigência o fato de que, em 1897, os grão-russos formaram 43 por cento da população da Rússia, e os ucranianos, 17 por cento; isto é, que os ucranianos poderiam pedir, não um dos 16 ministros, mais seis! 2) a Ucrânia terá “um representante do governo central da Rússia, eleito pela população local”. Pode existir algo mais legítimo? Com que direito se atreve um democrata a infringir esse princípio, provado pela teoria e confirmado pela experiência das revoluções democráticas, segundo o qual *‘nenhum funcionário para a população local deve ser designado desde cima?’*

Ao se opor a essas exigências, tão modestas e legítimas, o governo provisório deu prova de um descaramento inédito, de uma insolência selvagem por parte dos contrarrevolucionários, de uma verdadeira manifestação da política grã-russa

‘de Derzhinmorda’ (nome de uma polícia da comédia *El inspetor*, de N. Gógol – nota). Os eseristas e mencheviques zombaram de seus próprios programas partidários, ao tolerarem semelhante conduta do governo, e agora o defendem em seus jornais! Até que ponto de degradação chegaram os eseristas e mencheviques! Que deploráveis são hoje os subterfúgios de seus órgãos Dielo Naroda e Rabóchaia Gazeta!

Caos, confusão, ‘leninismo no problema nacional’, anarquia: tal é a gritaria, própria de um proprietário de terra desafortado, que ambos os jornais lançam aos ucranianos.

Deixemos a gritaria. Qual é a essência de seu argumento?

Até que se convoque a Assembleia Constituinte, não é possível determinar, “formalmente”, as fronteiras da Ucrânia, nem sua liberdade, nem seu direito de receber impostos, etc. etc.: eis aqui o seu único argumento. Exigem uma ‘*garantia de normalidade*’: nessa expressão do editorial de Rabóchaia Gazeta reside toda a essência do argumento.

Mas isso, senhores, é uma evidente mentira, uma expressão do descaramento da parte dos contrarrevolucionários; esgrimir semelhante argumento significa praticamente ajudar os verdadeiros traidores e renegados da revolução!

‘*Garantias de normalidade*’... Pensem somente um segundo nessas palavras, em nenhuma parte da Rússia, nem no governo central, nem em nenhuma instituição local (prescindindo de uma pequena instituição: as dumas do distrito de Petrogrado) existem garantias de *normalidade*. Na ciência, certamente, não há normalidade. Na ciência, certamente, não há *normalidade* na existência da Duma do Estado, nem do Conselho de Estado. Na ciência, certamente, não há *normalidade* na composição do governo provisório, pois, sua composição é uma burla à vontade e à consciência da maioria dos camponeses, operários e soldados da Rússia. Na ciência, certamente, não há *normalidade* na composição dos soviets (de deputados operários, camponeses e soldados), pois, até hoje, estas instituições não estabeleceram garantias para a estrita plenitude e a estrita democracia das eleições. Sem dúvida, isso não impede que *nosso partido* e a massa de operários e camponeses



considerem os soviets, até agora, como a melhor expressão da vontade da maioria da população. Não há, em nenhuma parte da Rússia, *nem pode haver, nem haverá jamais, em momentos revolucionários como os atuais, 'garantias de normalidade'*. Todos entendem assim, e não pode ser de outro modo: todo mundo compreende que é inevitável que seja assim.

Somente para a Ucrânia, *'nós' exigimos 'garantias de normalidade'*.

O medo, senhores eseristas e mencheviques, os paralisar e faz ceder diante dos alaridos contrarrevolucionários dos proprietários de terra e capitalistas grão-russos, capitaneados por Rodzianko, Miliukov, Lvov, Teréschenko, Nekrásov, Shingariov e Cia. São já a imagem perfeita de gente intimidada pelos nascentes ('e ascendentes') Cavaignac.

Não há nada de terrível, não há nem sombra de anarquia, nem de caos nas resoluções e exigências dos ucranianos. Atendam essas exigências perfeitamente legítimas e modestas, e na Ucrânia terá uma autoridade tão efetiva como nas demais partes da Rússia, onde a única autoridade são os soviets (que não possuem *'garantias de normalidade'*!). A *'garantia de normalidade'*, diante de todos os problemas, e não somente diante dos problemas ucranianos, se dará a vocês e a todos os povos da Rússia os futuros parlamentos, a futura Assembleia Constituinte, pois, hoje, com toda segurança, não existe na Rússia *'normalidade'* diante de nenhum problema. Atendam o pedido dos ucranianos, ordene a razão, pois, de outro modo, as coisas piorarão; pela força, não conseguirão conter os ucranianos, mas somente irritá-los. Atendam o pedido dos ucranianos, e aplinarão o caminho para a mútua confiança entre ambas nações, para sua aliança fraternal sobre a base da igualdade!

Os eseristas e os mencheviques, como partidos governantes, têm sofrido uma derrota no problema ucraniano, porque se deixaram levar pelos Kadetes contrarrevolucionários, tipo Cavaignac.

*(Extraído das Obras Completas,  
Lênin, tomo XXVI, Akal Editor)*

## **Manifesto ao povo da Ucrânia, com um ultimato à Rada da Ucrânia**

*Lênin, 3 de dezembro de 1917*

Levando em conta os interesses da unidade e da união fraternal dos operários e das massas trabalhadoras e exploradas, que lutam pelo socialismo; e levando em conta o reconhecimento destes princípios em numerosas resoluções dos organismos da democracia revolucionária, dos soviets e, em particular, do II Congresso dos Sovietes de toda a Rússia, o Conselho de Comissários do Povo, governo socialista da Rússia, confirma, mais uma vez, o direito à autodeterminação de todas as nações que foram oprimidas pelo czarismo e pela burguesia grã-russa, inclusive o direito destas nações de se separarem da Rússia.

Por isso, nós do Conselho de Comissários do Povo reconhecemos à República Popular da Ucrânia o direito de separar-se, por completo, da Rússia, ou de estabelecer com a República da Rússia um pacto, no qual se fixe, entre ambas, relações federativas, ou outras semelhantes.

Nós, do Conselho de Comissariado do Povo, desde já, reconhecemos, sem restrições nem reservas, tudo quanto se refira aos direitos nacionais e à independência nacional do povo ucraniano.

Não demos um só passo contra a república burguesa da Finlândia, que, no momento, continua sendo burguesa, que equivalha a restringir os direitos nacionais ou a independência nacional do povo finlandês; tampouco não daremos nenhum passo que restrinja a independência nacional de nenhuma nação – seja esta qual for – daquelas que integram ou desejam integrar a República russa.

Acusamos a Rada de uma falsa política burguesa, que acoberta, com frases nacionalistas, a política que se expressa há tempo no desconhecimento dos soviets e do poder soviético da Ucrânia (entre outras coisas, a Rada se negou a convocar imediatamente um congresso regional dos soviets ucranianos, como haviam exigido os soviets da Ucrânia). Essa falsa

política, que não nos permite reconhecê-la como representante com plenos poderes das massas trabalhadoras e exploradas da República da Ucrânia, fez com que, nos últimos tempos, a Rada tomasse medidas que anulam qualquer possibilidade de acordo.

Foram em primeiro lugar medidas para a desorganização da frente. A Rada transfere e retira da frente as unidades ucranianas, mediante ordens unilaterais, destruindo assim a frente única comum, diante da delimitação das fronteiras, o que somente pode fazer-se por meio de um acordo formal entre os governos de ambas as repúblicas.

Em segundo lugar, a Rada começou a desarmar as tropas soviéticas que se encontram na Ucrânia.

Em terceiro lugar, a Rada presta apoio ao complô e à rebelião kadete-kaledinista, contra o poder soviético. Alegando, falsamente, supostos direitos de autonomia do “Don e do Kubân”, e, com isso, ocultando as ações contrarrevolucionárias de Kaledin, que se chocam com os interesses e as reivindicações da enorme maioria da população trabalhadora cossaca, a Rada permite que passem por seu território as tropas que vão se unir a Kaledin, e se nega deixar passar as que vão combatê-lo.

Dado que a Rada se coloca neste terreno de traição indescritível à revolução, no terreno de apoio aos kadetes e kaledinistas, os piores inimigos da independência nacional dos povos da Rússia, os inimigos do poder soviético e das massas trabalhadoras e exploradas, ainda que fosse o órgão indiscutível do poder estatal supremo de uma república burguesa independente da Ucrânia, total e formalmente reconhecido, nos obrigaria a declarar-lhe a guerra sem nenhuma vacilação.

Neste momento, portanto, diante das circunstâncias expostas, o Conselho de Comissários do Povo coloca à Rada, diante dos povos das repúblicas da Ucrânia e da Rússia, as seguintes perguntas:

1. A Rada se compromete a abandonar as tentativas de desorganizar a frente comum?
2. A Rada se compromete, em seguida, a não deixar passar

unidades militares de nenhum tipo com destino ao Don, aos Urais e outras partes, sem que haja o consentimento do comandante em chefe?

3. A Rada se compromete a ajudar as tropas revolucionárias em sua luta contra a rebelião contrarrevolucionária kadete-kaledinista?
4. A Rada se compromete a cessar suas tentativas de desarmar os regimentos soviéticos e a Guarda Vermelha Operária da Ucrânia, e a devolver imediatamente as armas de quem foram confiscadas?
5. No caso de não receber resposta satisfatória a essas perguntas, em 48 horas, o Conselho de Comissários do Povo considerará a Rada em estado de guerra declarada ao poder soviético da Rússia e da Ucrânia.

*(Extraído das Obras Completas,  
Lênin, tomo XXVIII, Akal Editor)*

## **Resolução do CC do PC(b)R sobre o poder soviético na Ucrânia**

*Lênin, 2 de dezembro de 1919*

Depois de discutir o problema das relações com os trabalhadores da Ucrânia, agora libertados da ocupação transitória dos bandos de Denikin, o CC do PCR da Ucrânia resolve:

- 1) Para aplicar conseqüentemente o princípio de autodeterminação das nações, considera necessário reafirmar, uma vez mais, que o PCR mantém firmemente o ponto de vista do reconhecimento da independência da República Socialista Soviética da Ucrânia;
- 2) Considerando incontestável, para todo comunista e para todo operário politicamente consciente, a necessidade de estabelecer a mais estreita união entre todas as repúblicas soviéticas, em sua luta contra as forças ameaçadoras do imperialismo mundial, o PCR defende que a forma dessa união deverá ser determinada, em último caso, pelos próprios operários e camponeses trabalhadores ucranianos;

- 3) Atualmente, as relações entre a República Socialista Soviética da Ucrânia (RSSU) e a República Socialista Federativa Soviética da Rússia (RSFSR) estão determinadas pelo vínculo federativo, baseado nas resoluções do Comitê Executivo Central de toda a Rússia, de 1º de julho de 1919, e do Comitê Executivo Central da Ucrânia, de 18 de maio de 1919;
- 4) Levando em conta que a cultura ucraniana (idioma, educação, etc.) foi oprimida, durante séculos, pelo czarismo russo e pelas classes exploradoras, o CC do PCR impõe, como um dever a todos os membros do partido, contribuir com todos os meios a eliminar quantos obstáculos se interponham ao livre desenvolvimento do idioma e da cultura ucranianos. Posto que os muitos séculos de opressão deram lugar ao surgimento de tendências nacionalistas entre os setores mais atrasados da população, os membros o PCR deverão atuar com a maior prudência em relação a essas tendências, e combatê-las explicando fraternalmente a identidade de interesses entre os trabalhadores da Ucrânia e da Rússia. Os membros do PCR residentes em território ucraniano deverão pôr em prática o direito das massas trabalhadoras a estudar no idioma ucraniano, e falar sua língua nativa em todos os organismos soviéticos; devem opor-se, com todos os meios, às tentativas de russificação, que relegam a segundo plano o idioma ucraniano, e devem tornar esse idioma em um instrumento para a educação comunista das massas trabalhadoras. Deverão adotar imediatamente medidas para garantir que, em todos os organismos soviéticos, haja um número suficiente de empregados, cujo idioma seja o ucraniano, e que, no futuro, todos os empregados saibam falar na língua ucraniana;
- 5) É preciso garantir as relações mais estreitas entre os organismos soviéticos e a população camponesa nativa, para o que deverá estabelecer-se como norma que, inclusive nos primeiros momentos, ao constituírem-se os comitês revolucionários e os soviets, sejam maioria ne-

les os camponeses trabalhadores, e que os camponeses pobres exerçam uma influência decisiva;

- 6) Tendo em conta que na Ucrânia, em maior proporção ainda que na Rússia, a população é predominantemente camponesa, é tarefa do poder soviético na Ucrânia ganhar a confiança, não só dos camponeses pobres, mas também de amplos setores do campesinato médio, cujos autênticos interesses os vinculam estreitamente ao poder soviético. Em particular, ainda que mantendo o princípio da política de abastecimento de víveres (armazenamento de cereais pelo Estado a preços fixos, requisição de excedentes), devem modificar-se os métodos de sua aplicação, adaptando-os cuidadosamente às condições do campo ucraniano. O objetivo imediato da política de abastecimento de víveres na Ucrânia deve ser a requisição de excedentes de cereais somente na medida estritamente limitada, que seja indispensável para abastecer os pobres da Ucrânia, os operários e o Exército Vermelho. Ao se fazer a requisição de excedentes, deve prestar-se especial atenção aos interesses dos camponeses médios, diferenciando-os cuidadosamente dos elementos kulacs. É imprescindível desmascarar, diante dos camponeses ucranianos, a demagogia contrarrevolucionária que procura convencê-los de que o objetivo da Rússia soviética é retirar cereais e outros produtos alimentares da Ucrânia para levar à Rússia. Todos os representantes do poder central, todos os militantes do partido, os instrutores do partido, etc., deverão considerar como seu dever incorporar amplamente nas tarefas de governo os camponeses pobres e médios. Com o mesmo objetivo (a instalação de autêntico poder dos trabalhadores), deverão tomar-se imediatamente medidas para impedir que os organismos soviéticos sejam inundados por elementos da pequena burguesia urbana da Ucrânia, que não tenham conhecimento das condições de vida das amplas massas camponesas, e que frequentemente se disfarçam de comunistas.

A condição para admitir esses elementos nas fileiras do partido e nos organismos soviéticos deverá ser uma verificação prática preliminar de sua capacidade e de sua fidelidade aos interesses dos trabalhadores, principalmente na linha de frente, nas fileiras do exército. Em toda a parte e em qualquer circunstância, esses elementos deverão ser colocados sob o rigoroso controle de classe do proletariado. Sabemos, por experiência, que, devido à falta de organização dos pobres, a maior parte das armas que se acham em poder da população rural ucraniana está concentrada, inevitavelmente, nas mãos dos kulacs e dos contrarrevolucionários, o que, na realidade, conduz, não à ditadura dos trabalhadores, mas à dominação dos bandidos kulacs. Em vista disso, é tarefa primordial para a organização da Ucrânia soviética, confiscar todas as armas e concentrá-las nas mãos do Exército Vermelho, operário e camponês;

- 7) Do mesmo modo, a política agrária deverá realizar-se prestando especial atenção à agricultura do campesinato pobre e médio. As tarefas da política agrária na Ucrânia são: a) Total abolição da propriedade latifundiária, que foi restabelecida por Denikin, e entrega das terras aos camponeses com pouca ou nenhuma terra; b) as explorações agrícolas estatais deverão organizar-se em número estritamente limitado, e deverão ser de uma dimensão limitada, em consonância, em cada caso, com os interesses dos camponeses da região; c) ao organizar os camponeses em comunas, em cooperativas de diversos tipos, etc. se deve aplicar estritamente a política do partido, que não permite neste sentido coerção alguma, deixando que os camponeses decidam livremente por si mesmos, e punindo com severidade qualquer tentativa de implantar o princípio da coerção.

*(Extraído das Obras Completas,  
Lênin, tomo XXXII, Akal Editor)*

## **Carta aos operários e camponeses da Ucrânia em função das vitórias sobre Denikin**

*Lênin – Publicado em 4 de janeiro de 1920, no Pravda, nº 3*

Camaradas, faz quatro meses, em fins de agosto de 1919, tive a oportunidade de dirigir uma carta aos operários e camponeses em função da vitória sobre Kolchak.

Agora volto a redigir essa carta especialmente para os operários e camponeses da Ucrânia, pelo motivo das vitórias sobre Denikin.

As tropas vermelhas ocuparam Kiev, Poltava e Járkov e avançam vitoriosamente para Rostov. Na Ucrânia, fermenta a insurreição contra Deniken. É preciso reunir todas as forças para derrotar definitivamente o exército de Denikin, que procurou restabelecer o poder dos latifundiários e capitalistas. Temos de destruir Denikin para pôr a salvo a mínima possibilidade de uma nova invasão.

Os operários e camponeses da Ucrânia devem conhecer os ensinamentos que todos os operários russos extraíram da conquista da Sibéria por Kolchak e de sua libertação pelas tropas vermelhas, depois de longos meses de tirania latifundiária e capitalista.

A dominação de Denikin na Ucrânia foi uma prova tão dura como a dominação de Kolchak na Sibéria. Não resta dúvida de que as lições dessa dura prova permitirão aos operários e camponeses da Ucrânia compreenderem – como ocorreu com os operários e camponeses dos Urales e Sibéria – as tarefas do poder soviético, o que os levará a defendê-lo com maior firmeza.

Na Grande Rússia ficou totalmente abolida a propriedade latifundiária. O mesmo tem de fazer na Ucrânia; e o poder soviético dos operários e camponeses ucranianos deve liquidar totalmente a propriedade latifundiária, libertar completamente os operários e camponeses ucranianos da opressão dos próprios latifundiários. Mas, além dessa tarefa e de outras que se colocarão e ainda se colocam, tanto pelas massas trabalhadoras da Grande Rússia quanto as da Ucrânia, o poder soviético na Ucrânia tem suas tarefas específicas. Uma dessas tarefas



específicas merece, na atualidade, a maior atenção. É o problema nacional ou, em outras palavras, o problema de se a Ucrânia será uma República Socialista Soviética da Ucrânia, separada e independente, ligada por uma aliança (federação) à República Socialista Federativa Soviética Russa, ou se a Ucrânia se fundirá com a Rússia, formando uma República Soviética única. Todos os bolcheviques, todos os operários e camponeses politicamente conscientes devem analisar atentamente esse problema.

A independência da Ucrânia foi reconhecida, tanto pelo Comitê Executivo Central da RSFSR (República Socialista Federativa Soviética Russa) como pelo Partido Comunista dos bolcheviques da Rússia. É, portanto, evidente e por todos reconhecido que somente os próprios operários e camponeses da Ucrânia podem decidir e decidirão em seu Congresso de Sovietes da Ucrânia, se a Ucrânia se fundirá com a Rússia ou se será uma república separada e independente e, nesse último caso, que vínculos federativos terão de estabelecer entre essa república e a Rússia.

Como deve se resolver este problema no que toca aos interesses dos trabalhadores e ao êxito de sua luta pela total emancipação do trabalho do jugo do capital?

Em primeiro lugar, os interesses do trabalho exigem a confiança mais absoluta e a união mais estreita entre os trabalhadores dos diferentes países e diferentes nações. Os partidários dos latifundiários e capitalistas, da burguesia, se esforçam por dividir os operários, por avivar as discórdias e antagonismos nacionais, com o objetivo de debilitar os operários e fortalecer o poder do capital.

O capital é uma força internacional. Para vencê-lo é necessária uma união internacional de operários, uma fraternidade internacional de operários.

Nós somos inimigos dos antagonismos e das discórdias nacionais, do isolamento nacional. Somos internacionalistas. Estamos pela união estreita e a fusão completa dos operários e camponeses de todas as nações do mundo em uma República Soviética mundial única.

Em segundo lugar, os trabalhadores não devem esquecer que o capitalismo dividiu as nações em um pequeno número de grandes potências opressoras (imperialistas), nações livres e soberanas, e uma imensa maioria de nações oprimidas, dependentes e semidependentes, não soberanas. A criminosa e reacionária guerra de 1914-1918 acentuou esta divisão, inflamando com ela os ódios e rancores. Durante séculos foi se acumulando a indignação e a desconfiança das nações não soberanas e dependentes para com as nações dominantes e opressoras, como tal a Ucrânia diante de nações como a Grã-Rússia.

Queremos uma união voluntária de nações – uma união que exclua toda coerção de uma nação sobre outra – uma união que se baseia na mais plena confiança, em um claro reconhecimento da unidade fraternal, em um consentimento absolutamente voluntário. Uma união assim não pode realizar-se por golpe; para chegar a ela devemos atuar com enorme paciência e maior cuidado, para não malograr as coisas e não despertar desconfiança, e para que a desconfiança deixada por séculos de opressão latifundiária e capitalista, da propriedade privada e dos antagonismos provocados pela sua distribuição e redistribuição, possam desaparecer.

Devemos, portanto, nos empenhar firmemente em conseguir a unidade das nações e nos opor implacavelmente a tudo o que tende a dividi-las, e ao fazê-lo, devemos ser prudentes e pacientes, e fazer concessões às sobrevivências da desconfiança nacional. Devemos ser firmes e inexoráveis diante de tudo o que afeta os interesses fundamentais do trabalho em sua luta por emancipar do jugo do capital. O problema da demarcação de fronteiras, agora, no momento – pois nós aspiramos a completa abolição das fronteiras – não é um problema fundamental, importante, mas secundário. Em relação a esse assunto, podemos esperar, e devemos esperar, pois a desconfiança nacional pode ser muito tenaz nas amplas massas de camponeses e pequenos proprietários, e toda precipitação pode acentuá-la, em outras palavras, comprometer a causa da unidade total e definitiva.

A experiência da revolução operária e camponesa da Rússia, a Revolução de Outubro-Novembro de 1917 e dos dois anos de luta vitoriosa contra a agressão dos capitalistas internacionais e russos, demonstrou com clareza meridiana que os capitalistas conseguiram, por algum tempo, explorar a desconfiança nacional dos camponeses e dos pequenos proprietários poloneses, lituanos, estônicos e finlandeses diante do Grã-russo que conseguiram, por um tempo, semear discórdia entre eles e entre nós, apoiando-se nessa desconfiança. A experiência demonstrou que essa desconfiança se desvanece e desaparece muito lentamente, e que quanto mais cuidado e paciência tenham os Grã-russos, que durante tanto tempo foram uma nação opressora, com tanta e maior segurança se dissipará essa desconfiança. Foi precisamente por ter reconhecido a independência dos Estados polonês, lituano, letão, estônio e finlandês, que estamos ganhando lenta, mas firmemente, a confiança das massas trabalhadoras dos pequenos Estados vizinhos, mais atrasadas e mais ludibriadas e oprimidas pelos capitalistas. Este caminho é mais seguro para arrancá-las da influência de “seus” capitalistas nacionais e conduzi-las com plena confiança para a futura República Soviética internacional unida.

Enquanto a Ucrânia não se libertar completamente de Denikin e não se reunir ao Congresso de toda a Ucrânia de Sovietes, seu governo é o Comitê Militar Revolucionário da Ucrânia. Além dos comunistas bolcheviques ucranianos estão os comunistas borotbistas ucranianos, que trabalham nesse Comitê Revolucionário como membros do governo. Os borotbistas se distinguem dos bolcheviques, entre outras coisas, porque defendem a independência incondicional da Ucrânia. Os bolcheviques não farão disso um objeto de divergências e desunião, não consideram que isso seja obstáculo para um trabalho proletário harmônico. Deve haver unidade na luta contra o jugo do capital e pela ditadura do proletariado, e não deve haver rompimento entre comunistas pelo problema das fronteiras nacionais ou de se os vínculos entre os Estados devem ser federativos ou outros. Entre os bolcheviques, há

partidários da independência total da Ucrânia, partidários de uma união federativa mais ou menos estreita e partidários da fusão total da Ucrânia com a Rússia.

Não deve haver divergências por esses problemas. O Congresso de Sovietes da Ucrânia os resolverá.

Se um comunista Grã-russo insiste na fusão da Ucrânia com a Rússia, os ucranianos podem muito bem suspeitar que defende essa política, não por levar em conta a unidade dos proletários na luta contra o capital, mas pelos preconceitos do velho nacionalismo Grã-russo, imperialista. Essa desconfiança é natural e até certo ponto inevitável e legítima, já que os Grã-russos, sob o jugo dos latifundiários e capitalistas, difundiram durante séculos o infame e odioso preconceito do chovinismo Grã-russo.

Se um comunista ucraniano insiste na independência nacional incondicional da Ucrânia, se presta a que se suspeite que ele defenda essa política, não em função dos interesses momentâneos dos operários e camponeses ucranianos em sua luta contra o jugo do capital, mas por causa dos preconceitos nacionais pequeno burgueses do pequeno proprietário. A experiência tem apresentado centenas de exemplos de “socialistas” pequeno burgueses de diferentes países – todos os diversos pseudosocialistas poloneses, letões e lituanos, os mencheviques georgianos, os esseristas, etc. – que se disfarçam de partidários do proletariado com o único objetivo de promover de forma fraudulenta uma política de conciliação com “sua” burguesia nacional contra os operários revolucionários. Vimos isso no caso do governo de Kerenski na Rússia, fevereiro-outubro de 1917; vimos e continuamos vendo em todos os demais países.

Assim, pois, é muito fácil que surja a desconfiança mútua entre os comunistas Grã-russos e ucranianos. Como combater essa desconfiança? Como vencê-la e estabelecer uma confiança mútua?

A melhor maneira de conseguir é trabalhando em comum para defender a ditadura do proletariado e o poder soviético na luta contra os latifundiários e capitalistas de todos os pa-

ises e contra suas tentativas de restabelecer sua dominação. Essa luta comum demonstrará claramente na prática que, qualquer que seja a solução que se dê ao problema da independência nacional ou das fronteiras, deve existir uma estreita aliança militar e econômica entre os operários Grã-russos e ucranianos, pois de outro modo os capitalistas da “Entente”, isto é, da “aliança” dos países capitalistas mais ricos – Inglaterra, França, Estados Unidos, Japão e Itália – nos esmagará e nos estrangulará estando separados. Nossa luta contra Kolchak e Denikin, a quem estes capitalistas proporcionaram dinheiro e armas, é um claro exemplo desse perigo.

Aquele que socava a unidade e a aliança mais estreita entre os operários e camponeses Grã-russos e ucranianos ajuda aos Kolchak e aos Denikin, aos bandidos capitalistas de todos os países.

Por isso, nós, os comunistas Grã-russos, devemos reprimir rigorosamente a menor manifestação de nacionalismo Grã-russo que surja entre nós, pois essas manifestações, que são em geral uma traição ao comunismo, causam um dano enorme ao nos separar dos camaradas ucranianos, e com isso fazem o jogo de Denikin e de seu regime.

Assim, nós, os comunistas Grã-russos, devemos fazer concessões quando existem diferenças com os comunistas bolcheviques e borotbistas ucranianos, e quando essas diferenças se referem à independência nacional da Ucrânia, às formas de sua aliança com a Rússia e, em geral, ao problema nacional. Mas todos nós, os comunistas Grã-russos, os comunistas ucranianos e os comunistas de qualquer outra nação, devemos ser inflexíveis e intransigentes nas questões básicas e fundamentais, que são as mesmas para todas as nações, nas questões da luta do proletariado, da ditadura do proletariado; não podemos admitir compromissos com a burguesia nem a menor divisão das forças que nos defendam contra Denikin.

Denikin tem de ser vencido, aniquilado, e deve se impedir a repetição de invasões como as suas. Esse é o interesse fundamental tanto dos operários e camponeses Grã-russos como dos ucranianos. A luta será longa e difícil, pois os capitalistas

do mundo interior ajudam Denikin e ajudarão aos Denikins de todo gênero.

Nessa luta longa e difícil, nós, os operários grã-russos e ucranianos, devemos marchar estreitamente unidos, pois separados não poderemos certamente fazer frente à nossa tarefa. Sejam quais forem as fronteiras da Ucrânia e Rússia, sejam quais forem as formas de suas relações estatais mútuas, isso não é tão importante.

É um problema no qual se podem e se devem fazer concessões, no qual pode ensaiar isto, aquilo e o outro; a causa dos operários e camponeses, da vitória sobre o capitalismo, não sucumbirá por causa disso.

Mas se não sabermos marchar estreitamente unidos, únicos contra Denikin, unidos contra os capitalistas e os kulaks de nossos países e de todos os países, a causa do trabalho sucumbirá certamente, por longos anos, no sentido de que os capitalistas possam derrotar e estrangular tanto a Ucrânia soviética como a Rússia soviética.

E o que a burguesia de todos os países, e toda sorte de partidos pequeno burgueses – isto é, partidos “conciliadores” que se aliam com a burguesia contra os operários – mas se esforçaram por conseguir é a divisão dos operários das diferentes nacionalidades, suscitar a desconfiança e desbaratar a estreita união internacional e a fraternidade internacional dos operários. Se a burguesia conseguir, a causa dos operários está perdida. Os comunistas da Rússia e Ucrânia, portanto, devem, mediante um esforço coletivo, paciente, perseverante e tenaz, frustrar as maquinações nacionalistas da burguesia e vencer os preconceitos nacionalistas de toda índole, e dar aos trabalhadores do mundo inteiro um exemplo de aliança verdadeiramente firme entre os operários e camponeses de diferentes nações na luta pelo poder soviético, pela derrocada do jugo dos latifundiários e capitalistas e pela República Soviética Federativa Mundial.

*Lênin, 29 de dezembro de 1919  
(Extraído das Obras Completas, tomo XXXII, V.  
Lênin, pág.280)*



# Trotsky

## A Questão Nacional

*Trotsky, setembro de 1927*

O atraso no ritmo geral da construção socialista; o desenvolvimento da nova burguesia na cidade e no campo; o fortalecimento da intelectualidade burguesa; o aumento do burocratismo nos órgãos do Estado; a péssima direção do Partido; e, somado a tudo, isso a agudização de um chauvinismo de Grã-Potência e, em geral, de um espírito nacionalista, encontram sua expressão mais doentia no problema das nacionalidades e das Repúblicas autônomas dentro da União Soviética. As dificuldades crescem, em função de existir, em algumas Repúblicas, resíduos de cultura pré-capitalista.

Sob a Nova Política Econômica (NEP), a influência do capital privado cresce com especial rapidez nas regiões industrialmente atrasadas. Ali, os organismos econômicos baseiam, a miúdo, sua atuação inteiramente sobre o capital privado. Eles fixam os preços, sem levar em conta a situação real da massa camponesa pobre e da classe média; baixam artificialmente os salários da mão-de-obra do campo; difundem excessivamente o sistema burocrático dos intermediários privados entre os



industriais e os camponeses, que fornecem a matéria-prima; orientam as cooperativas, no sentido de que prestem maiores serviços às camadas mais ricas das aldeias; não levam em conta os interesses daquele grupo especialmente atrasado que se dedica à criação de gado. O problema essencial – a realização de um plano de construção industrial, especialmente o plano de industrialização dos produtos derivados da agricultura – foi completamente postergado.

O burocratismo, levado por um espírito de exaltado chauvinismo de Grã-Potência, se destacou, ao transformar a centralização dos Sovietes em uma fonte de disputas, no que diz respeito à distribuição dos postos oficiais entre as nacionalidades (a Federação do Cáucaso meridional). Devido a isso, as relações entre o centro e as fronteiras foram relaxadas. O significado do Soviete das nacionalidades ficou reduzido a nada. As repúblicas autônomas foram submetidas a uma tutela burocrática, ao ponto de ficarem despossuídas do direito de resolver as desavenças entre a população local e a população russa. Até agora, o chauvinismo, especialmente tal qual se manifesta por meio do aparato do Estado, continua sendo o principal inimigo da solidariedade e união dos trabalhadores de diferentes nacionalidades.

Um apoio positivo para os pobres, uma situação conjunta da massa geral da classe média camponesa com os pobres e os assalariados, uma organização dos últimos em uma força de classe independente, tudo isso é de grande importância nos territórios e repúblicas nacionais. Sem uma real organização dos trabalhadores agrícolas, sem a criação de cooperativas e a organização dos pobres, corremos o perigo de deixar as atrasadas regiões orientais, em seu tradicional estado de servidão, e nossos Partidos locais naquelas regiões, desprovidos em absoluto de representantes genuinamente operários.

A tarefa dos comunistas, nas mais atrasadas nacionalidades, deve ser a de orientar o desenvolvimento desse despertar nacional para as causas do socialismo soviético. Devemos atrair as massas trabalhadoras para o construtivo trabalho econômico e cultural, fomentando especialmente o desenvol-

vimento dos idiomas e escolas locais, e a “nacionalização” do aparato soviético.

Nas regiões que estão em imediato contato com outras nacionalidades ou minorias nacionais, o nacionalismo, que acompanha o desenvolvimento dos elementos burgueses, chega a ser geralmente agressivo. Nessas circunstâncias, a “nacionalização” do aparato local se realiza à custa das minorias nacionais. A questão das fronteiras comparece como uma causa dos rancores nacionais. A atmosfera do Partido, do Soviete e dos sindicatos está infectada de nacionalismo.

A ucranização, a turquificação, etc. podem começar unicamente após ter varrido das instituições e órgãos da União os hábitos burocráticos e chauvinistas de Grã-Potência. Podem começar unicamente no caso de que o predomínio do proletariado na república nacional esteja devidamente garantido, unicamente no caso de nos apoiarmos nas classes mais humildes e afirmarmos uma contínua e irreconciliável luta com os Kulaks e os elementos chauvinistas.

Essas questões revestem especial importância nos centros manufatureiros, tais como na bacia do Don ou Bakû, cuja população proletária pertence em sua maioria a uma nacionalidade distinta das regiões vizinhas. Nesses casos, uma correta relação cultural e política entre a cidade e o campo exige: 1) uma atitude extremamente cortês e genuinamente fraterna das cidades, diante das necessidades materiais e espirituais do distante interior; 2) uma resistência decidida contra toda tentativa burguesa de romper a união entre a cidade e o campo, contra a manutenção da arrogância burocrática diante dos distritos rurais, contra a fomentação reacionária do inimigo Kulaks, voltada à cidade.

Nosso regime burocrático confiou a redação do estatuto de seu superficial projeto de “nacionalização” aos funcionários, especialistas e professores pequeno-burgueses, que estão unidos com os inumeráveis vínculos sociais e culturais às esferas mais elevadas da cidade e do campo. Eles acomodam sua política aos interesses dessas classes mais elevadas. Com isso, não fazem senão alijar do Partido e dos poderes soviéticos os

pobres, empurrando-os aos braços dos comerciantes, dos usuários, dos sacerdotes e dos elementos feudal-patriarcais. Ao mesmo tempo, nosso regime burocrático deixa de lado um dos elementos genuinamente comunistas, denunciando-os frequentemente como “perturbadores”, e perseguindo-os de todas as formas imagináveis. Isso ocorreu, por exemplo, a um importante grupo de velhos bolcheviques georgianos, ao qual o grupo de Stalin olhava com desagrado. Grupo esse que Lênin teve de defender calorosamente, no último momento de sua vida.

A ascensão da massa trabalhadora das repúblicas e territórios nacionais, que deu lugar à Revolução de Outubro, é a razão pela qual essas massas aspiram uma livre e imediata participação no trabalho construtivo da vida do país. Nosso regime burocrático trata, no entanto, de sufocar essa aspiração, amedrontando as massas com o espantinho do nacionalismo local.

O XII Congresso de nosso Partido reconheceu a necessidade de uma luta contra “os vestígios do chauvinismo de Grã-Potência”, contra a desigualdade econômica e cultural das nacionalidades dentro da União Soviética, contra “os vestígios de nacionalismo em uma série de regiões onde ocorreu o pesado jugo da opressão russa”. A IV Conferência do Partido (1923), com os funcionários qualificados das repúblicas e territórios nacionais, declarou que “um dos problemas básicos do Partido é a educação e desenvolvimento das organizações comunistas entre os elementos proletários e semiproletários da população compreendida naquelas repúblicas e territórios nacionais”. A Conferência aprovou por unanimidade que os Comunistas que se dirigissem às Repúblicas e territórios mais atrasados devem desempenhar o papel “não de pedagogos e mentores, mas sim de auxiliares”. Durante os recentes anos, os fatos têm mostrado uma direção oposta. Os dirigentes do aparato nacional do partido, designados pelo Secretário do Comitê Central, fazem por conta própria os acordos de todo o Partido e dos Sovietes. Eles agrupam os trabalhadores ativos das nacionalidades, considerando-os como uma espécie de comunistas de segunda categoria, os que devem intervir nos assuntos unicamente para que tenham uma mera “função re-

presentativa” (Crimeia, Cazaquistão, Turquestão, Tartária, as montanhosas províncias do Cáucaso do Norte, etc. Por cima de todos os partidos operários locais, se estabelece sistematicamente a divisão de seus componentes em “direita” e “esquerda”, a fim de que o secretário nomeado pelo órgão central possa arbitrariamente dirigir ambos os grupos.

Na esfera de nossa política nacional, exatamente como em outras esferas, é necessário novamente adotar a atitude de Lênin, ou seja:

1. Realizar um esforço incomparavelmente mais sistemático, mais doutrinário, mais insistente, a fim de evitar as divisões nacionalistas entre os trabalhadores de diferentes nacionalidades, adotando especialmente uma atitude respeitosa para com os operários “nacionais” recém chegados, contribuindo para aumentar sua capacidade, melhorando suas condições de vida, e elevando seu nível de cultura; lembrando tenazmente que a base verdadeira para pôr os distritos nacionais mais atrasados em condições de colaborar com a obra construtiva dos Sovietes consiste em criar e fomentar muitos núcleos proletários na população local;
2. Revisar o plano econômico quinquenal, com o objetivo de acelerar o curso da industrialização nas regiões atrasadas, e elaborar um plano quinquenal que leve em consideração os interesses das repúblicas e territórios nacionais; orientar nossa política econômica para o desenvolvimento de cultivos especiais entre os sitiantes pobres e de classe média (o algodão na Ásia Central, o tabaco na Crimeia, Abkhazia, etc.). O projeto de cooperativas de crédito e também o projeto de melhorias e reformas (na Ásia Central, na região do Cáucaso, etc.) devem ser executados atendendo estritamente a uma política de classe, e em consonância com os problemas fundamentais da construção socialista; é, pois, indispensável que se preste a maior atenção ao desenvolvimento das cooperativas dedicadas à indústria de carne, e que se leve a cabo a exploração industrial das matérias-primas da agricultura, de forma adequada às condições das distintas localidades. Além disso, convém revisar nosso pla-

- no de distribuição de terras de cultivo, desenvolvendo-o estritamente de acordo com as necessidades que impõe uma acertada política, no que se refere à questão nacional;
3. Levar conscienciosamente a cabo a política de nacionalização do Soviete, e também do aparato do Partido, dos sindicatos e das cooperativas, dentro de um espírito genuíno de classe e internacionalista, e salvaguardando as relações entre as nacionalidades; empreender uma luta decidida contra a atitude dos colonos a respeito das atividades do Estado, das cooperativas e de outros órgãos; abolir toda mediação burocrática entre o centro e as fronteiras; estudar o experimento da Federação Caucasiana meridional, do ponto de vista de seus êxitos e fracassos, ao fomentar o desenvolvimento industrial e cultural daquelas nacionalidades;
  4. Varrer sistematicamente todo obstáculo que se oponha à máxima união e fortalecimento possíveis dos operários das diferentes nacionalidades dentro da União soviética, sobre a base de uma construção socialista e da revolução internacional; empreender uma enérgica luta contra a mecânica imposição do idioma nacional predominante aos operários e camponeses de outras nacionalidades. Nessa questão, as massas trabalhadoras devem poder manifestar-se com absoluta liberdade de eleição. Os direitos de cada uma das minorias nacionais dentro dos departamentos de suas respectivas repúblicas devem ser garantidos. Em relação a esse particular, é preciso prestar especial atenção àquelas circunstâncias excepcionais subsistentes entre as nacionalidades primitivamente oprimidas e as nacionalidades opressoras;
  5. Uma firme implantação da democracia que vigore no interior do Partido, em todas as repúblicas e territórios nacionais; repúdio absoluto de toda atitude de mando aos não-russos, repúdio da política encaminhada a dividir os comunistas não-russos em direita e esquerda; uma cuidadosa promoção e instrução dos proletários mais humildes, dos semiproletários, dos proletários do campo, e dos camponeses anti-Kulaks, membros do Partido;

6. Repúdio da tendência de Ustrialof, e de todo tipo de tendências de Grã-Potência, especialmente nos comissariados centrais e no aparato do Estado em geral. Um esforço educativo para se contrapor ao nacionalismo local, sobre a base de uma clara e consistente política de classe na questão nacional;
7. Transformação dos Sovietes de nacionalidade em órgãos realmente atuantes, em conexão com a vida das repúblicas e territórios nacionais, e realmente capazes de defender seus interesses;
8. Cuidadosa atenção sobre a influência do problema nacional na atuação dos sindicatos e sobre o problema da constituição de uniões proletárias nacionais. Os assuntos dentro dessas uniões devem ser tratados no idioma local, e os interesses de todas as nacionalidades e das minorias nacionais devem ser cuidadosamente protegidos;
9. Sob nenhuma circunstância, não conceder direitos civis aos exploradores;
10. Convocar a V Conferência das nacionalidades sobre a base da representação real das classes “inferiores”;
11. Publicação na Imprensa da carta de Lênin acerca da questão nacional, que contém uma crítica à atuação de Stalin a propósito desse assunto.

*(Traduzido do livro “A Situação na Rússia depois da revolução”, Leon Trotsky, Distribuidora Baires S.R.L, Argentina)*

## **A Questão Ucraniana**

*Leon Trotsky – 22 de abril de 1939*

A questão ucraniana, que muitos governos e tantos “socialistas” e mesmo “comunistas” têm procurado esquecer ou relegar às profundezas da história, acha-se novamente na ordem do dia, desta vez com força redobrada. O recente agravamento da questão ucraniana relaciona-se intimamente com a degeneração da União Soviética e do Comintern, os êxitos do fascismo e a iminência de uma nova guerra imperialista.

Crucificada por quatro estados, a Ucrânia ocupa, agora, no destino da Europa, a mesma posição que uma vez ocupou a Polônia, com a diferença de que as relações mundiais são atualmente muito mais tensas e os ritmos do processo muito mais acelerados. No futuro imediato, a questão ucraniana está destinada a jogar um importante papel na vida europeia. Por isso, Hitler propôs tão ruidosamente a criação de uma “Grande Ucrânia”; e foi também por isso que arrumou esta questão com tão cuidadosa rapidez.

A Segunda Internacional, exprimindo os interesses da burocracia e a aristocracia operária dos estados imperialistas, ignorou completamente a questão ucraniana. Inclusive a sua ala esquerda não lhe dedicou a necessária atenção. Basta lembrar como Rosa Luxemburgo, apesar do seu brilhante intelecto e do seu espírito genuinamente revolucionário, julgou admissível afirmar que a questão ucraniana era a invenção de uma plêiade de intelectuais. Esta posição deixou uma profunda marca até no próprio Partido Comunista Polonês. Os dirigentes oficiais da seção polonesa do Comintern viram a questão ucraniana mais como um empecilho do que como um problema revolucionário. Daí as constantes tentativas oportunistas de desviar a questão, suprimi-la, passá-la silenciosamente por alto ou adia-la para um futuro indefinido.

O Partido Bolchevique, não sem dificuldade e só gradualmente, sob a constante pressão de Lênin, pôde adquirir uma focagem correta da questão ucraniana. O direito à autodeterminação, quer dizer, à separação, foi estendido igualmente por Lênin, quer para os poloneses, quer para os ucranianos. Ele não reconhecia nações aristocráticas. Toda tentativa de evadir ou adiar o problema de uma nacionalidade oprimida considerava a expressão do chauvinismo grão-russo.

Após a tomada do poder, teve lugar no partido uma séria luta pela solução dos numerosos problemas nacionais herdados da velha Rússia czarista. No seu caráter de comissário do povo para as nacionalidades, Stálin representou invariavelmente a tendência mais burocrática e centralista. Isto se tornou especialmente evidente na questão da Geórgia e na

da Ucrânia. Até hoje, a correspondência não tem sido publicada. Esperamos poder editar a pequena parte de que dispomos. Cada linha das cartas e propostas de Lênin vibra com a urgência de conformar, na medida do possível, aquelas nacionalidades que tinham sido oprimidas no passado. Ao contrário, nas propostas e declarações de Stálin, salientava invariavelmente a tendência para o centralismo burocrático. Com o fim de garantir “necessidades administrativas”, quer dizer, os interesses da burocracia, as mais legítimas reclamações das nacionalidades oprimidas foram declaradas manifestações de nacionalismo pequeno burguês. Estes sintomas já podiam perceber-se bem cedo, em 1922-1923. Desde esse momento, tiveram um monstruoso crescimento, levando a uma completa asfixia qualquer tipo de desenvolvimento nacional independente dos povos da URSS.

Na concepção do velho Partido Bolchevique, a Ucrânia Soviética estava destinada a se converter no poderoso eixo à volta do qual adeririam as outras seções do povo ucraniano. Durante o primeiro período da sua existência, é indiscutível que a Ucrânia Soviética foi uma poderosa força de atração em relação às nacionalidades, além de estimular a luta dos operários, os camponeses e a intelectualidade revolucionária da Ucrânia Ocidental, escravizada pela Polônia. Mas, durante os anos da reação termidoriana, a posição da Ucrânia Soviética e, com ela, a reclamação da questão ucraniana no seu conjunto, mudou bruscamente. Quanto mais profundas foram as esperanças despertadas, mais tremendas foram as decepções.

A burocracia também estrangulou e saqueou o povo da Grande Rússia. Mas, nas questões ucranianas, as coisas complicaram-se ainda mais pelo massacre das esperanças nacionais. Em nenhuma outra parte, as restrições, purgas, repressões e, em geral, todas as formas de brutalidade burocrática assumiram dimensões tão assassinas como na Ucrânia, ao tentar esmagar poderosos anseios de maior liberdade e independência profundamente arraigados nas massas. Para a burocracia totalitária, a Ucrânia Soviética



tornou-se numa divisão administrativa da unidade econômica e de uma base militar da URSS. Que não fique qualquer dúvida: a burocracia de Stálin ergue estátuas à memória de Shevchenko, mas o faz apenas com fim de esmagar mais minuciosamente o povo ucraniano sob o seu peso, e obrigá-lo a cantar hinos à camarilha violadora do Kremlin, no idioma do Kobzarii.

A respeito das partes da Ucrânia que hoje estão fora das suas fronteiras, a atitude atual do Kremlin é a mesma que com todas as nacionalidades oprimidas, as colônias e semi-colônias: são moedas de troca nas suas combinações internacionais com os governos imperialistas. No recente Décimo oitavo Congresso do “Partido Comunista”, Manuilski, um dos mais repugnantes renegados do comunismo ucraniano, explicou com bastante franqueza que não só a URSS, como também o Comintern (a “falsa-união” segundo a formulação de Stálin) se recusavam a solicitar a emancipação dos povos oprimidos, quando os seus opressores não eram inimigos da camarilha moscovita no poder. Stálin, Dimitrov e Manuilski defendem atualmente a Índia contra o Japão, mas não contra Inglaterra. Os burocratas do Kremlin estão prontos a ceder de vez a Ucrânia Ocidental à Polônia, em troca de um acordo diplomático que lhes pareça proveitoso.

Estão longe os dias em que só se atreviam a episódicas combinações. Não resta rastro da anterior confiança e simpatia das massas ucranianas pelo Kremlin. Desde a última “purga” assassina na Ucrânia, ninguém no ocidente quer passar a fazer parte da satrápia do Kremlin, que continua a levar o nome da Ucrânia Soviética. As massas operárias e camponesas da Ucrânia Ocidental, da Bukovina, dos Cárpatos ucranianos, estão confusas: a quem recorrer? O que pedir? Esta situação desvia naturalmente a liderança para as camarilhas ucranianas mais reacionárias, que exprimem o seu “nacionalismo”, tentando vender o povo ucraniano a um ou outro imperialismo, em pagamento de uma promessa de independência fictícia. Sobre esta trágica confusão, Hitler baseia a sua política na questão ucraniana. Temos dito numa

ocasião: se não fosse por Stálin (por exemplo, a fatal política do Comintern na Alemanha), não haveria Hitler. A isso pode acrescentar-se agora: se não fosse pela violação da Ucrânia Soviética por parte da burocracia estalinista, não haveria política hitlerista na Ucrânia.

Não é preciso estender a análise sobre os motivos que levaram Hitler a descartar, sequer por um tempo, a palavra de ordem da “Grande Ucrânia”. Estes motivos devem procurar-se, de um lado, nas fraudulentas ligações com o imperialismo alemão e, de outro, no temor de evocar um espírito maligno que poderia ter resultado difícil de exorcizar. Hitler apresentou os sanguinários húngaros com os Cárpatos ucranianos. Embora não o fizesse com a aprovação expressa de Moscou, e sim pelo menos com a segurança de que esta aprovação haveria de chegar no futuro. É como se Hitler tivesse dito a Stálin: “Se me estivesse preparando para atacar amanhã a Ucrânia Soviética, teria mantido os Cárpatos nas minhas mãos”. Em resposta, Stálin, no Décimo Oitavo Congresso, saiu abertamente em defesa de Hitler, contra as calúnias das “democracias ocidentais”: Hitler tenta atacar a Ucrânia? Nada disso! Lutar contra Hitler? Não há a menor razão para fazer isso. Obviamente, Stálin interpreta como um ato de paz a entrega à Hungria dos Cárpatos ucranianos.

Isto significa que parte do povo ucraniano se tornou moeda de troca para os cálculos internacionais do Kremlin. A Quarta Internacional deve compreender com clareza a enorme importância da questão ucraniana, não apenas no destino do leste e sudeste europeus, mas da Europa no seu conjunto. Trata-se de um povo que demonstrou a sua viabilidade, numericamente igual à população da França, e que ocupa um território excepcionalmente rico e, aliás, da maior importância estratégica. A questão da sorte da Ucrânia está colocada em todo o seu alcance. Cumpre uma palavra de ordem clara e definida, que corresponda à nova situação. Em minha opinião, há na atualidade uma única palavra de ordem: Por uma Ucrânia Soviética de operários e camponeses, unida, livre e independente.

Este programa está, antes de tudo, em irreconciliável contradição com os interesses das três potências imperialistas: Polônia, Romênia e Hungria. Só pacifistas irrecuperavelmente imbecis são capazes de julgar que a emancipação e unificação da Ucrânia pode levar-se a termo por meio de pacíficas conversas diplomáticas, referendos ou decisões da Liga das Nações, etc. Com certeza, não são melhores as soluções que propõem os “nacionalistas”, que consistem em se colocarem a serviço de um imperialismo contra o outro. A tais aventureiros, Hitler lhes deu uma impagável lição, entregando (por quanto tempo?) os Cárpatos aos húngaros, que imediatamente exterminaram não poucos ucranianos leais. Enquanto a questão depender do poderio militar dos estados imperialistas, a vitória de um bando ou outro só pode significar um novo desmembramento, e uma vassalagem ainda mais brutal do povo ucraniano. O programa de independência da Ucrânia na época do imperialismo está direta e indissolúvelmente ligado ao programa da revolução proletária. Seria criminoso alimentar alguma ilusão sobre isso.

Mas – gritarão em coro os “amigos” do Kremlin – a independência da Ucrânia Soviética significaria a sua separação da URSS? O que tem isso de terrível? – contestamos. É-nos alheio o culto apaixonado pelas fronteiras estatais. Não sustentamos a posição de uma totalidade “unida e indivisível”. Depois de tudo, inclusive a Constituição da URSS reconhece o direito dos seus povos federados à autodeterminação, quer dizer, à separação. Assim, nem sequer a própria oligarquia do Kremlin ousa negar tal princípio, embora só tenha vigência no papel. A mais mínima tentativa de apresentar abertamente a questão de uma Ucrânia independente significaria a imediata execução, sob a acusação de traição. Mas é precisamente este desprezível equívoco, esta desapiadada perseguição de todo pensamento nacional livre, o que tem levado as massas trabalhadoras da Ucrânia, em grau muito maior do que as da Grande Rússia, a considerar monstruosamente opressivo o domínio do Kremlin. Perante uma tal situação interna, é naturalmente impossível falar que a Ucrânia Ocidental se una vo-

luntariamente à URSS, do modo como esta é atualmente. Por consequência, a unificação da Ucrânia pressupõe a libertação da Ucrânia Soviética da bota estalinista. Também nesta questão a camarilha bonapartista colherá o que tem semeado.

Mas, não significaria isto o enfraquecimento militar da URSS? – uivarão com horror os “amigos” do Kremlin. Respondemos que o enfraquecimento da União Soviética se deve às tendências centrífugas em permanente crescimento, que gera a ditadura bonapartista. Em caso de guerra, o ódio das massas à camarilha governante pode levar ao colapso das conquistas de Outubro. A fonte dos sentimentos derrotistas acha-se no Kremlin. Em troca, uma Ucrânia Soviética independente se converteria, embora apenas fosse por interesse próprio, num poderoso baluarte sul ocidental da URSS. Quanto mais depressa for socavada, derrubada, esmagada e varrida a atual casta bonapartista, mais firme se tornará a defesa da República Soviética, e mais seguro estará o seu futuro socialista.

Naturalmente, uma Ucrânia independente de operários e camponeses poderia, a seguir, unir-se à Federação Soviética; mas voluntariamente, sobre condições em que ela mesma julgasse aceitáveis, o que por sua vez pressupõe uma regeneração revolucionária da URSS. A autêntica emancipação do povo ucraniano é inconcebível sem uma revolução ou uma série de revoluções no ocidente, que possam conduzir em última instância à criação dos estados unidos soviéticos da Europa. Uma Ucrânia independente poderia unir-se a esta federação como membro igualitário e indubitavelmente o faria. A revolução proletária na Europa, por seu turno, não deixaria em pé nem uma pedra da repugnante estrutura do bonapartismo estalinista. Nesse caso, seria inevitável a estreita união dos estados unidos soviéticos da Europa e a regenerada URSS, e representaria infinitas vantagens para os continentes europeu e asiático, incluindo, com certeza, a Ucrânia. Mas aqui estamos desviando-nos para questões de segunda ou terceira ordem. A questão de primeira ordem é a garantia revolucionária da unidade e independência da Ucrânia de operários

e camponeses, na luta contra o imperialismo, de um lado, e contra o bonapartismo moscovita, de outra.

A Ucrânia é especialmente rica em experiências de falsos caminhos de luta para atingir a emancipação nacional. Ali tudo foi testado: a Rada [governo] pequeno burguesa e Skoropadski, Petlura, uma “aliança” com os Hohenzollern e combinações com a Entente. Após estes experimentos, só cadáveres políticos podem continuar a depositar esperanças em qualquer fração da burguesia ucraniana como líder da luta nacional pela emancipação. Unicamente o proletariado ucraniano é capaz, não só de realizar esta tarefa – revolucionária em essência–, como também de tomar a iniciativa para conseguir a sua solução. O proletariado, e só o proletariado, pode congregar à sua volta as massas camponesas e a intelectualidade nacional genuinamente revolucionária.

Ao começo da última guerra imperialista, Melenevski (“Basok”) e Skoropis-Yeltujovski tentaram colocar o movimento de libertação ucraniano sob a ala de Ludendorff, general dos Hohenzollern. Para tal, disfarçaram-se de esquerdistas. Os marxistas revolucionários expulsaram-nos com um pontapé. Eis a forma como devem agir os revolucionários no futuro. A iminente guerra criará uma atmosfera favorável a todo tipo de aventureiros, caçadores de milagres e buscadores do velocino de ouro. Estes cavalheiros, que têm especial preferência por aquecer as mãos no fogo da questão nacional, não devem ser admitidos nas fileiras do movimento operário. Nem o mais mínimo compromisso com o imperialismo, seja fascista ou democrático! Nem a mais mínima concessão aos nacionalistas ucranianos, sejam clerical-reacionários ou liberal-pacifistas! Não à “frente popular”! Completa independência do partido proletário como vanguarda dos trabalhadores!

Esta, acho eu, a política correta para a questão ucraniana. Falo aqui pessoalmente e em meu próprio nome. Cumpre abrir a discussão internacional sobre o tema. O primeiro lugar nesta discussão corresponderá aos marxistas revolucionários ucranianos. Escutemo-los com grande atenção. Mas lhes convém apressar! Resta pouco tempo para preliminares!

## **Stalin, administrador interino da Ucrânia**

*Trotsky, 18 de setembro de 1939*

A guerra, como a revolução, se caracteriza por destruir de um golpe as fórmulas idiotas, e por às claras a verdade que escondem. A defesa da democracia é uma fórmula oca. A invasão da Ucrânia é uma realidade sangrenta.

Hoje, está claro que, ao mesmo tempo em que a Comintern faz uma clamorosa campanha em favor das democracias e contra o fascismo, o Kremlin preparava o entendimento militar com Hitler contra as supostas democracias. Até um imbecil tem de compreender agora que os processos de Moscou, que serviram para destruir a velha guarda bolchevique, acusando-a de colaboração com os nazistas, não passaram de uma camuflagem para ocultar a aliança estalinista com Hitler. O segredo foi revelado. Enquanto as missões britânica e francesa discutiam com Voroshilov uma defesa mais efetiva da Polônia, o mesmo Voroshilov discutia com os representantes do estado-maior alemão a melhor maneira de esmagar e dividir a Polônia. O Kremlin, não só enganou a Chamberlain, Daladier e Beck, mas também, sistematicamente, a classe operária da União Soviética e de todo o mundo.

Alguns iluminados e esnobes me acusam de se deixar levar por meus horríveis prognósticos, devido a meu “ódio” a Stalin. Como se as pessoas sérias se deixassem levar por seus sentimentos pessoais, no que diz respeito aos problemas de importância histórica! Os fatos demonstraram que a realidade é mais horrível que qualquer de meus prognósticos. Ao entrar no território polaco, os exércitos soviéticos sabiam antecipadamente até que ponto se confundiriam – como aliados, não como inimigos – com os exércitos de Hitler. A operação se decidiu sobre a base das cláusulas secretas do pacto germano-soviético; a colaboração entre os estados-maiores de ambos os países seria contínua; a invasão estalinista não é mais do que um complemento simétrico das operações hitlerianas. Tais são os fatos.

O Kremlin, que até há pouco tempo procurava ganhar a amizade de Varsóvia (para traí-la), declarava como criminosa a consigna de autodeterminação para a Ucrânia ocidental (Galícia oriental). Os expurgos e execuções na Ucrânia soviética foram provados fundamentalmente pelo fato de que os revolucionários ucranianos aspiravam, contra a vontade de Moscou, a libertação da Galícia da opressão polaca. Agora, o Kremlin procura dissimular sua intervenção na Polônia com um pesaroso interesse na “libertação” e “unificação” dos povos da Ucrânia e da Rússia Branca. Na realidade, a Ucrânia soviética está mais amarrada do que qualquer outra parte à União Soviética, pelas ferozes cadeias da burocracia de Moscou. A aspiração de vários setores da nação ucraniana à sua libertação e independência é totalmente legítima e muito intensa. Mas, estes anseios se dirigem também contra o Kremlin. Se a invasão consegue seu objetivo, o povo ucraniano se encontrará “unificado”, não pela liberdade nacional, mas sim pela escravidão burocrática. Além disso, não haverá uma só pessoa honesta que aprove a “emancipação” de oito milhões de ucranianos e russos brancos ao preço da escravização de vinte milhões de polacos! Inclusive, se o Kremlin eventualmente organizar um plebiscito na Galícia ocupada, ao estilo de Göebels, não enganaria ninguém. Isso por que não se trata de emancipar um povo oprimido, mas sim de estender o reinado da opressão burocrática e do parasitismo.

A imprensa nazista deu sua aprovação absoluta à “unificação” e “libertação” dos ucranianos sob as garras do Kremlin. Com isso, Hitler cumpre dois objetivos: primeiro, arrastar a União Soviética à sua órbita militar; segundo, avançar um passo além na solução de seu programa de uma “Grã-Ucrânia”. A política de Hitler é a seguinte: estabelecer uma ordem determinada para suas conquistas, uma após outra, e criar, com cada

nova conquista, um novo sistema de “amizades”. Na etapa atual, Hitler concede a “Grã-Ucrânia” a seu amigo Stalin, na condição de administrador interino. Na próxima etapa, colocará o problema de quem é o proprietário da Ucrânia, ele ou Stalin.

Há aqueles que se aventuram a comparar a aliança Stalin-Hitler com o tratado de Brest-Litovsk. Que falsificação! As negociações de Brest-Litovsk foram realizadas abertamente, à vista de toda a humanidade. A União Soviética, em fins de 1917 e início de 1918, não contava com um só batalhão em condições de lutar. A Alemanha dos Hohenzollern atacou a Rússia e tomou a província de depósitos militares soviéticos. Ao governo soviético, não restou outra possibilidade, a não ser assinar um tratado de paz. Definimos, abertamente, essa paz como a capitulação de uma revolução desarmada, diante de um inimigo poderoso. Não veneramos os Hohenzollern; denunciámos publicamente a paz de Brest-Litovsk, como uma extorsão e um roubo. Não enganamos os operários e camponeses. O atual pacto Stalin-Hitler foi concluído, apesar da existência de um exército de milhões de soldados, e seu objetivo imediato foi facilitar a Hitler o esmagamento da Polônia e a sua divisão entre Berlim e Moscou. Onde está a analogia?

As palavras de Molotov, de que o Exército Vermelho se cobrirá de “glória” na Polônia, constituem uma inesquecível vergonha para o Kremlin. O Exército Vermelho recebeu a ordem de derrotar, na Polônia, aqueles que já haviam sido derrotados por Hitler. Essa é a tarefa vergonhosa e criminosa que os chacais do Kremlin determinaram para o Exército Vermelho.

*(Extraído da obra Escritos, Leon Trotsky, tomo XI, 1939-1940, vol. 1)*





---

Caixa Postal nº 630 - CEP 01059-970 - São Paulo  
*[www.pormassas.org](http://www.pormassas.org) -- [facebook.com|massas.por](https://facebook.com/massas.por) -- [anchor.fm|por-massas](http://anchor.fm|por-massas)*

---